# Uma leitura ecofeminista da poesia de Sónia Sultuane

Joranaide Alves Ramos[[1]](#footnote-1)

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Savio Roberto Fonseca de Freitas[[2]](#footnote-2)

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

**Resumo**

O objetivo deste artigo é discutir sobre a representação ecofeminista na produção poética de Sónia Sultuane, considerando, portanto, *Sonhos* (2001), *Imaginar o poetizado* (2006), *No colo da Lua* (2009) e *Roda das encarnações* (2017) e pensando sobre as relações socioculturais e de gênero em Moçambique, um país africano recém-independente que preserva tradições patriarcais, coloniais e eurocêntricas. Foi necessário, pois, desenvolver um estudo exploratório, bibliográfico e qualitativo, buscando contribuições teóricas de diferentes especialistas, tais como Aguessy (1980), Brandão, (2003; 2020), Freitas (2019), Guattari (2012), Soares (2005), Mies e Shiva (1993), entre outros. Com os poemas selecionados, vimos uma relação íntima entre o ser humano e a Natureza e uma voz poética que resgata as tradições e as memórias africanas sob um viés animista, revelando uma poesia que está em harmonia com os princípios ecofeministas, à medida que problematiza relações simbióticas humanas e mais-que-humanas e apresenta uma autoafirmação de uma identidade feminina em uma sociedade pós-colonial, patriarcal e capitalista.

**Palavras-chave:** Ecofeminismo. Poesia. Sónia Sultuane.

**Considerações iniciais**

A escrita de autoria feminina suscita, muitas vezes, é polêmica nas sociedades dominadas política e economicamente pelo homem. A partir dessa reflexão, da necessidade de questionar discursos normativos e do reconhecimento da urgência em discutirmos temas como ecologia, igualdade de gênero, identidade, colonialismo, patriarcado, por exemplo, assumimos a crítica ecofeminista. Essa possibilidade ressalta a atenção que a literatura dispensa às relações sociais e não seria diferente para com a ecologia.

O ecofeminismo traz à tona esta discussão, redefinindo o conceito de natureza e suas relações com o ser humano, historicamente constituído, dentro de uma abordagem interdisciplinar da ecocrítica. Ao nosso ver, temáticas ecológicas e seus desdobramentos, transformados em poesia e, em especial, de autoria feminina, conseguem despertar e desenvolver uma consciência humana capaz de questionar e diluir mecanismos opressores para com as naturezas humana e mais-que-humana.

Sensibilizamo-nos, pois, com a poesia de Sónia Sultuane[[3]](#footnote-3) (1971), nascida em Maputo, quando Moçambique, na África, ainda era colônia de Portugal, analisando a sua poesia à luz da crítica ecofeminista, com particular atenção às relações entre literatura e meio ambiente, demonstrando que esta escritora constrói uma voz poética ecofeminista voltada para representações da natureza no sentido de propagar um humanitarismo no feminino atento às discussões sobre as relações de raça, classe e gênero.

Consideramos, portanto, sua obra Poética, a saber: *Sonhos* (2001), *Imaginar o poetizado* (2006), *No colo da Lua* (2009), *Roda das encarnações* (2017). Compreender a representação ecofeminista na produção literária supracitada exige pensar sobre as relações socioculturais e de gênero de um país africano recém-independente que preserva tradições patriarcais, coloniais e eurocêntricas severas e cristalizadas. É nesse contexto contraditório marcado por tradições e pela modernidade que Sónia Sultuane situa seu discurso lírico, uma voz feminina dotada de consciência ecológica, em uma linguagem mais individualista, preocupada em exprimir anseios subjetivos.

Foi necessário, pois, desenvolver um estudo exploratório, bibliográfico e qualitativo, buscando contribuições teóricas e críticas de diferentes especialistas, tais como *Ecofeminismo e literatura*: novas fronteiras, de Izabel Brandão, (2003), *Sob o comando de uma lua submissa*: A poesia moçambicana de Sónia Sultuane, de Sávio Freitas (2019), *As três ecologias*, de Félix Guattari (2012), *Visões e percepções tradicionais*, de Honorat Aguessy (1980), *Poesia e erotismo*: uma leitura ecofeminista, de Angélica Soares (2005), *Ecofeminismo*, de Maria Mies e Vandana Shiva (1993), entre outros.

**Uma leitura ecofeminista da Poesia de Sónia Sultuane**

O ser humano tem, não raro, dificuldades para criar e manter relações saudáveis consigo, com outrem e com a Natureza. Atualmente, estas conexões estão ainda mais fragilizadas em decorrência das buscas desenfreadas pelo poder e pelo acúmulo de riquezas, crise acentuada pelas desigualdades de direitos e de deveres.

Tais problemas são decorrentes do encadeamento entre capitalismo, colonialismo e patriarcado que engendram dominação e exploração de classe, de raça e de gênero, afetando, primeiramente, grande parte das mulheres, em especial, aquela que não diz respeito ao feminino hegemônico; e a Natureza, não por estarem, supostamente, mais próximas entre si, mas pelas construções sociais que, não raro, sobrepõem masculino e cultura, em detrimento daquelas, ao passo que as constroem socialmente, posto que mulher e natureza geram vidas.

Visando a restauração das relações humanas, bem como da Natureza, alguns movimentos importantes, como os ecológicos e os feministas, questionam as ordens capitalista, colonial e patriarcal e os seus discursos reguladores, opondo-se a todas as formas de dominação e de violência. Esta relação entre ecologia e feminismos é o que chamamos de Ecofeminismo que, por seu turno, propõe a luta pelos direitos das mulheres e a restauração dos ecossistemas que sustentam a vida, atentando-se e discutindo, ética e politicamente, sobre todas as formas de dominação.

Segundo Mies e Shiva (1993), o Ecofeminismo é um movimento com uma identidade feminina que acredita que precisa desempenhar uma tarefa importante nesses tempos difíceis, marcados pela devastação do Planeta e dos seus habitantes, fatores que configuram a mentalidade machista que nega o direito à mulher ao próprio corpo e a sua sexualidade.

A poesia de Sónia Sultuane é dotada de consciência ecológica. Propomos, pois, a partir dela e através da discussão sobre a recriação artística de mulheres e da Natureza, contribuir com os estudos literários, à medida que essa obra coopera com a desmistificação das dualidades entre naturezas humana e mais-que-humana[[4]](#footnote-4), desconstruindo – em alguma medida – a concepção de gênero essencialista e universalista, responsável pelas opressões e repressões que sustentam as sociedades patriarcais, como já propôs Angélica Soares (2005).

Nesse sentido, importa enfatizar que a artista moçambicana resgata aspectos da cultura africana tradicional, como o animismo, por exemplo. Sobre isso, Michelle Facchin afirma que, em África:

existe a crença nas almas e no poder que cada objeto, ser ou elemento da natureza carrega, [...] a crença de que os objetos e todos os elementos da natureza possuem almas, tendo, inclusive, personalidades atribuídas a eles: o vento, o sol, os rios, as pedras, as árvores e outros mais são detentores de poderes e inteligência. (FACCHIN, 2016, p. 200-201)

Buscando libertar-se dessas coerções, Sónia Sultuane procura uma relação sensorial com a natureza, criando um sujeito poético que nos leva a pensar sobre a afirmação da identidade feminina e a existência de perspectivas ecofeministas em sua obra, embora marcada por uma visão essencialista. Tal aspecto ocorre porque a relação mulher-natureza já estimula essa ponderação, decorrente do colonialismo e do patriarcado, mas também da conexão da obra de Sónia Sultuane às raízes africanas.

No entanto, segundo Aguessy (1980, p. 123), “a atitude dos Africanos em relação ao universo, à vida e à sociedade exprime-se não de forma especulativa, mas sob a forma de atividade social, criativa e libertadora”, distanciando-se, em alguma medida, de nossa visão ocidental do mundo, enquanto a voz poemática encontra regozijo na natureza, entendendo o ser humano como parte constituinte daquela que é, segundo Brandão (2020), “muito maior do que todxs nós, humanos e não humanos [...]”.

Além disso, sua obra tem contribuído com a abertura do cenário literário para as mulheres escritoras moçambicanas que contribuem com a territorialização da escrita de autoria feminina, ao tempo que questiona o cânone, constituído preponderantemente por homens e reivindica, conforme aponta Sávio Freitas (2019), espaço para as mulheres naquela sociedade, bem como nas Artes, através de temas como ancestralidade, maternidade, corpo, erotismo e prazer sexual, por exemplo, ora marcados por esperança e igualdade entre humanos, ora por desencanto.

Adotamos, por isso, a E *cosofia* de Guattari (2012, p. 8), que parte dos três registros ecológicos, “o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana”. Tais registros nos interessam porque correspondem às vivências que consideramos genuinamente ecológicas. Esta articulação guattariana se relaciona intimamente com o Ecofeminismo e permite irmos além do registro ambiental quando nos posicionamos ecologicamente. Para ilustrar esta reflexão, selecionamos oito poemas que estão distribuídos ao longo de quatro Coletâneas publicadas por Sónia Sultuane e mencionadas anteriormente.

Sua primeira produção, *Sonhos* (2001), traz uma voz poemática feminina, que contribui com a pauta feminista e que convida leitoras e leitores a pensar sobre si, sobre um mundo justo e menos solitário através de poemas que apresentam mulheres que refletem sobre sua condição, sobre seus sentimentos, sobre o universo onde se encontram enclausuradas e quais fugas lhe são possíveis, em um tempo e em um lugar nos quais o prestígio viril é firmado e naturalizado. Esta reflexão é fundada na inscrição da relação entre humanos e natureza mais-que-humana, embora menos recorrente que em outras obras. A exemplo, temos “Oh! tu vento, que passaste pela minha face”:

Oh! tu vento, que passaste pela minha face,

contente, apressado,

acariciaste o meu rosto e beijaste-o,

e partiste com a mesma pressa que chegaste,

à procura de novos portos,

sem saber se voltarias,

um dia, novamente, chegaste,

e por mim assobiaste,

vinhas violento, atordoado,

à procura deste meu porto que abandonaste,

à procura deste meu rosto que beijaste,

por sentires que nunca o deverias ter deixado.

(SULTUANE, 2001, p. 40)

O simbolismo do vento apresenta diversos aspectos a depender da cultura. N o entanto, segundo Chevalier e Gheerbrant (2008, p. 935), “devido à agitação que o caracteriza, é um símbolo de vaidade, de instabilidade, de inconstância”. Esta alegoria em muito contribui com a leitura do poema elencado. Nele, o vento se parece com alguém, volúvel e impermanente, que chega e parte sem anúncio. O rosto da voz poemática se transforma em um porto para receber o vento “contente, apressado” e vê-lo ir, sem aviso prévio, “sem saber se voltarias”. O mesmo vento retorna “violento, atordoado [...] / por sentires que nunca o deverias ter deixado”.

O vento, semelhante a um homem, afeta a voz poemática com seu toque, com sua tenra doçura, com sua cólera tempestuosa e, consequentemente, com sua ausência. Nesse sentido, o vento é um símbolo de energia muito vigoroso que desperta as sensações descritas pelo eu-lírico feminino que se conecta com a Natureza, fazendo do seu corpo um lugar de acolhimento para as forças e poder dessa Natureza e, simultaneamente, de espera pelo homem ausente. O vento é recobrado em “Oh! vento tu, vento forte” como uma espécie de enlace entre os poemas:

Oh! vento tu, vento forte,

que passaste por mim num ápice,

tu que deixaste tanta saudade,

por um dia por me teres passado,

vento, vento, volta vento,

que é por ti que espero,

que é por ti que anseio,

a tua brisa desejo,

toca meu rosto,

aberta a minha alma,

deixa-me voar ao som da tua música,

para ficar mais desperta,

mais livre mais liberta,

deixa-me embalar ao som da tua música,

para fugir,

para fugir,

para fugir.

(SULTUANE, 2001, p. 41)

Aqui, parece que o mesmo vento que tinha aportado, decidiu ir embora novamente. O eu-lírico feminino apresenta, agora, um viés erótico e apela, anaforicamente, para o retorno do vento/do homem porque o deseja e, por isso, mantém sua alma aberta, para que o “som da tua música” a faça voar, reafirmando a ligação – vista, também, entre vento e voo – entre mulher e elemento da Natureza que “desperta” e “liberta” a voz do poema, numa metáfora para a relação de querer e de entrega.

A leitura empreendida ratifica, ainda, a visão animista africana, difundindo a ideia de que todos os seres (o vento, aqui), animados ou inanimados, possuem uma força, uma essência vital, até mágica. Esta força vital é responsável, segundo Aguessy (1980, p. 98-99) “pela união de diferentes tipos de existência e seres, como o Ser supremo, os seres sobrenaturais, as almas dos defuntos, os homens vivos, os universos vegetal, mineral e animal e o universo mágico”. Desse modo, todo o universo está simbioticamente envolvido e relacionado. Esta perspectiva perpassa toda a obra de Sónia Sultuane, inscrevendo algumas tradições e a “memória coletiva africana”, nas palavras de Secco (1998, p. 161), [re]atualizando as heranças tradicionais de uma terra colonizada em um cenário pós-colonial.

Além disso, a poesia de Sónia Sultuane, de modo geral, não se preocupa em incriminar a submissão do binômio mulher-natureza em relação ao masculino, mas em construir novas subjetividades e sociabilidades, não apenas femininas, que respeitem as naturezas e os seus contrastes. A natureza, em sua obra, não é inscrita como força que precisa ser domada, mas lugar, muitas vezes sensual, de onde surge a vida; eu-lírico e natureza são vivazes e intrinsecamente conectados e dependentes.

Vale apontar que Sónia Sultuane foi a primeira poeta moçambicana a escrever poemas notadamente eróticos, e esta condição nos permite relacionar a sua obra àquilo que Carmen Secco (2014, p. 68) chama de “erotizar Moçambique, fazendo pulsarem os desejos silenciados por séculos de violência e autoritarismo”. Sónia Sultuane contribui, desse modo, com este projeto e inscreve mulheres sexualizadas e erotizadas que podem representar muitas outras mulheres moçambicanas que reivindicam o direito sobre seus corpos.

E, nesse contexto, o erótico é um tipo de poder, como assegura Audre Lorde (2018). Segundo ela, o erótico é um recurso que mora no interior das pessoas, neste caso, em especial, das mulheres, alicerçado em um plano espiritual e feminino, além de fundamentado em sentimentos ainda não conhecidos. Contrárias a esta potência que as mulheres têm dentro de si, levantam-se as mais variadas opressões que, por sua natureza, distorcem aquele poder de modo a evitar as mudanças que pode gerar.

No caso das mulheres, Lorde (2018) aponta que esta violência atuou, também, suprimindo o erotismo que é fonte de poder. As sociedades patriarcais e seus instrumentos – a igreja, o estado, o trabalho – demonizaram este recurso e propagaram a falsa crença de que deveríamos suprimir o erótico para sermos fortes. Não há, no entanto, uma reivindicação de superioridade das mulheres sobre os homens na obra de Sónia Sultuane, fato que pode nos levar a entender sua poesia como essencialista em uma tradução cultural apressada. Há uma busca pela equidade, centrada na coletividade, na igualdade entre os seres e, nesse contexto, vemos mulheres que amam, que desejam e que, por isso, como quaisquer outros seres humanos, podem sofrer enquanto buscam por si ou por outrem.

As relações das mulheres e do feminino com outras pessoas continuam sendo poetizadas em *Imaginar o poetizado* (2006). Neste livro, o amor e o erotismo são equivalentes e atingem outras esferas, a da origem da vida, da conexão com o Cosmos, com os outros elementos da Natureza que, em comunhão com o eu-lírico, criam a ideia de completude e de totalidade, no que diz respeito ao corpo de mulheres que amam e que desejam, mesmo quando solitárias ou em solitude.

Os corpos femininos ardentes e cheios de vida deste livro se assentam e se realizam através da palavra poética feminina, sensual e erotizada, que canta amores e desejos espirituais e carnais, bem como o prazer que deles advém. Observar tais relações pela ótica ecofeminista, a da voz poética consigo, com outrem, com o lugar que faz dela o que é, com a Natureza, é ver sujeitos que se realizam sem inviabilizar outros, reconhecendo-se como parte do Universo. Isso nos permite pensar criticamente sobre as ligações antiecológicas patriarcais, coloniais e capitalistas, naturalizadas, que sustentam experiências desiguais e discriminatórias. Deste livro, listamos, primeiro, “Beijo Negro”:

Beija-me profundamente com o teu gosto,

dá-me o teu gosto,

faz-me renascer,

para que no meu despertar sinta a fresca melodia dos pássaros,

e a brisa me traga esse incenso místico...terra...

que os rios e mares quentes,

me lavem a consciência e me aqueçam a alma,

o meu dia seja uma caça felina...a minha presa... a vida...

o mergulhar no entardecer da esperança ardente,

e esses tambores ao anoitecer, me embalem em sons embriagantes,

o fogo dos corpos mais forte que as chamas das fogueiras,

os gestos dos corpos suados,

uma dança feiticeira de beijo negro,

a minha entrega inteira,

beija-me profundamente com esse gosto,

porque só tu me beijas assim.

(SULTUANE, 2006, p. 09)

Numa atmosfera bastante erótica de “uma dança feiticeira”, a voz poemática feminina se coloca como uma caçadora que busca outra pessoa que a faça renascer através do beijo, do gosto. Convidando elementos da natureza mais-que-humana, numa perspectiva ecofeminista, a “melodia dos pássaros”, a “brisa”, a “terra”, os “rios”, os “mares”, o “entardecer”, esta mulher cria um lugar muito sensual e quente através de termos que sugerem o ato sexual: “quentes”, “aqueçam”, “fogo”, “fogueira”, “corpos suados”; retoma elementos africanos, com os “tambores do anoitecer” – que lembram a musicalidade africana –, e as “fogueiras” – que simbolizam a sabedoria dos mais velhos e/ou as contações de história pelas mulheres ao redor da fogueira. Essas escolhas nos fazem entender, não apenas pela autoria, mas pelas metáforas lançadas, que o poema foi escrito em África, ou seja, embora o poema não traga uma discussão direta sobre identidade, é possível perceber o gênero e a raça do beijo que aparece logo no título, o “beijo negro” de alguém a quem essa mulher se entregará por inteiro.

É preciso lembrar que Sónia Sultuane é uma mulher mestiça e muçulmana e, segundo Freitas:

transgride muitos padrões e interdições que permeiam o seu meio social. Devido às repressões que os corpos femininos sofrem e, em se tratado do corpo feminino negro que ainda recebe um olhar hiperssexualizado, este corpo teve que ser negado e escondido por muitos anos. É só com alguns avanços na luta feminina por igualdade de gênero que as questões ligadas ao corpo e prazer feminino começam a ser (re) pensadas. (FREITAS, 2019, p. 105)

Tais questões ganham espaço para reflexão em obras como a de Sónia Sultuane. Vemos em sua poesia vozes femininas mais livres para falar de seus amores, de seus desejos, de seus corpos e de seus prazeres, desfazendo a imagem estereotipada – de hipersexualização do corpo feminino negro – criada pelo homem e pelo colonizador e que ainda encontra vez para se perpetuar pelo mundo. Em “Amar”:

Amar! amar!

será o sentir do ar, do mar,

esse imenso, incontrolável, incontável,

inimaginável,

amar! amar!

será ar poluído, carregado, invisível,

amar! amar!

O que será?

será apenas essa palavra, que imaginamos em nós

vazia, fria, cortante,

ar, mar,

amar...!

(SULTUANE, 2006, p. 44)

A voz poética reflete, liricamente, sobre a ação do amor, amar. Para tanto, aproxima-a do ar e do mar, ambos símbolos de incerteza, de dúvida, de inconstância; por outro lado, simbolizam, aquele: “princípio da composição e da frutificação”; este: “dinâmica da vida [...] lugar dos nascimentos, das transformações e dos renascimentos” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2008, p. 68/593), sentimentos atrelados ao amor, Eros que une na mesma imagem, uma natureza dupla: a do amor divino e a do desejo voraz (PLATÃO, 2017). Um eterno paradoxo, o amor renova as potencialidades dos seres, mas por ser libido também exige ação, o contato com outrem, o choque.

Por ser desejo e consciência, não é possível, geralmente, encontrar o ponto de integração, a capacidade de ligação, daí as ponderações feitas no poema. Amar é um sentir “imenso, incontrolável, incontável, inimaginável” e, antagônica e complementarmente, pode ser “poluído, carregado, invisível”, uma palavra “vazia, fria, cortante”. Nem sempre generoso, muitas vezes egoísta, o amor pode ser incerto, inconstante, mas transformador, como o ar e o mar que tiveram essas características associadas ao ato de amar.

O ar e o mar, elementos da Natureza, simbolizam, aqui, um lugar experienciado pela travessia e pela submersão. Para além das representações encontradas, tal comunhão é legitimada fonologicamente nos dois últimos versos, quando ‘ar’ e ‘mar’ formam o verbo “armar” que, por sua vez, remete às armadilhas do amor, da ação de amar, condição suposta e exclusivamente humana.

Sónia Sultuane cria vozes poéticas femininas que buscam por amor e por prazer, mas também por si mesmas, desde *Sonhos*. Em seu projeto poético, escrita e corpo feminino estão profundamente relacionados e, por isso, dizemos que escrita e inscrição correspondem, a nosso ver, à superação das normas e moralidades machistas através da literatura. Os corpos femininos inscritos em sua poesia representam, a nosso ver, a luta da mulher, em alguma medida, contra o jugo da sociedade patriarcal.

*No colo da Lua* (2009) traz uma escrita mais amadurecida em relação a *Sonhos* e apresenta a L ua como uma figura feminina que zela em seu colo por outras vozes igualmente femininas, cheias de desejos, de amores, de medos, de prazeres, de saudades, de memórias e de outras sensações e vivências que querem se levantar, poeticamente, contra a colonização das mulheres que ainda estão presas pelo patriarcado.

Importa destacar a relação que Sónia Sultuane tem com a L ua, tão natural quanto política – porque através da inscrição da L ua em sua poesia, é possível [re]pensar e questionar a condição das mulheres nas sociedades –, retomada várias vezes em sua obra e nas muitas fases da L ua, que ilustram cada página de sua coletânea *Roda das encarnações* (2017). *No colo da lua* se articula com a perspectiva ecofeminista, mas é necessário:

observar que enquanto o ecofeminismo sugere libertação, a poesia de Sónia Sultuane elege a Lua como um elemento natural que interfere na ordem de sua produção literária, fazendo com que a referida escritora transforme a Lua em uma entidade mística protetora das fases da mulher, fortalecendo a ideologia de que mulher e natureza são duplamente submissas. (FREITAS, 2019, p. 2-3)

Ou seja, enquanto o Ecofeminismo reflete sobre como o ajustamento mulheres/natureza pode ser trabalhado de modo a buscar a libertação, o não-silenciamento de certos grupos de humanos e da vida não-humana (BRANDÃO, 2003, p. 464), e a escolha pela L ua, comum entre poetas, pode validar alguma ideia de submissão, visto que a L ua ocupar lugar de subalternidade em relação ao S ol que é relacionado ao masculino. Esta é uma representação muito íntima e clara do feminino nas sociedades patriarcais. Chevalier e Gheerbrant apontam que:

É em correlação com o simbolismo do Sol que se manifesta o da Lua. Suas duas características mais fundamentais derivam, de um lado, de a Lua ser privada de luz própria e não passar de um reflexo do Sol; do outro lado, de a Lua atravessar fases diferentes de mudança de forma. É por isso que ela simboliza a dependência e o princípio feminino (salvo exceção), assim como a periodicidade e a renovação. Nessa dupla qualificação, ela é símbolo de transformação e de crescimento. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2008, p. 561-566)

Consoante a Freitas (2019), constatamos que Sónia Sultuane adota a Lua como uma presença feminina que orienta e ilumina, símbolo de transformação e de crescimento, e a leitura global de sua poesia permite observar o S ol e a L ua como elementos essenciais e que representam conhecimentos, sem os quais essa voz feminina não existiria; um completa o outro, sem dualismos ou sobreposições. Essa voz tem consciência ecológica e reconhece, portanto, a força e a importância da natureza mais-que-humana sobre sua natureza. Pelas acepções apresentadas, percebemos um livro profundamente marcado por simbologias que falam do lugar das mulheres, alguns impostos, outros escolhidos. No poema homônimo:

Quero olhar o céu

e contemplar a sua sombra dançando

na cadência do meu coração,

mergulhar no seu infinito,

no reflexo do azul esverdeado profundo,

sentir o cheiro do mundo percorrer-me as entranhas,

falar às estrelas prateadas,

sentar-me no colo da Lua amando a imensidão do universo,

saboreando cachos de uvas pretas adocicadas,

para poder entregar-me a todos os sabores exóticos,

cantando e suspirando pela vida.

(SULTUANE, 2009, p. 23)

Notamos uma mulher em íntima harmonia com a natureza, que se coloca no “colo da Lua”, um lugar que parece aconchegante, acalentador e maternal, para amar “a imensidão do universo”. A consciência ecológica representada no poema e percebida através dos elementos como a “Lua” e as “estrelas prateadas”, por exemplo, constroem uma atmosfera sensual e livre de quem tem autonomia sobre o seu corpo, se reconhece como parte do universo e canta e suspira “pela vida”.

O poema, dividido em duas estrofes – outros em mais estrofes, diferentes dos livros anteriores que apresentaram textos poéticos com apenas uma estância –, é encabeçado pelo verbo “Querer” que estabelece um paralelismo com os demais verbos do poema, denotando a autonomia de uma voz poética feminina que sente e pode dizer do seu querer. No poema “Liberdade”:

Quero ser a areia que cobre

apressada o corpo desnudo do Universo

quero assobiar aos pássaros

a música despida dos ventos

baloiçar no luar despreocupado

fugir das mãos das árvores pregadas na terra

soprar o meu nome escrito na areia quente do deserto

voar abraçada no dedo dos pássaros para bem longe

sem deixar marcas ou arrependimentos.

(SULTUANE, 2009, p. 13)

Outra vez, vemos natureza mais-que-humana e mulher em um exercício de fusão para retomar a ideia de liberdade e de revivificação – “sem deixar marcas ou arrependimentos” –, da mulher e da natureza, como quem retoma o ato de criação, visto a areia espalhada pelos versos ser, segundo Chevalier e Gheerbrant (2008, p. 79), “um símbolo de matriz, de útero [...], busca de repouso, de segurança, de regeneração”. O poema apresenta uma consciência ecológica representada pela conexão harmoniosa entre a voz poemática e, além da “areia”, dos “pássaros”, dos “ventos”, do “luar”, as “árvores”, de quem a voz do poema quer fugir por estarem “pregadas na terra” e que, por isso, não representam a liberdade buscada, em contraposição aos demais elementos que estão ligados ao movimento. Entendemos que o desejo de liberdade cantado em todo o poema é, também, uma reação metafórica às prisões que cerceiam as vidas de muitas mulheres em sociedades sustentadas por discursos patriarcais.

Trata-se, pois, de uma voz poética no feminino intimamente relacionada com a natureza e com suas manifestações, representando uma mulher, vítima principal dos cerceamentos, que busca liberdades, um desejo silenciado pela violência e pelo autoritarismo patriarcal que funda a reflexão das condições das mulheres naquela sociedade na obra de Sónia Sultuane. Não é por acaso que muitas mulheres aparecem em sua obra, vítimas do machismo. As questões apontadas nos fazem perceber uma poesia ancorada nas tradições culturais, mas que busca a transformação das vidas das mulheres, senão as reais, ao menos, as ficcionais.

Nesse sentindo, também concordamos com Freitas (2019) quando aponta que a poesia de Sónia Sultuane é um espaço de discussão, ainda essencialista sobre a humanidade, indicando que a nação moçambicana, como tantas outras, precisa aprender a conviver respeitosamente com as diferenças de raça, de classe e de gênero, como preconiza o Ecofeminismo.

A natureza na obra de Sónia Sultuane e para a crítica ecofeminista é um espaço político como já vimos nos poemas apresentados, através do qual, podemos repensar nossas relações interpessoais e intrapessoais, nossas ações para preservação do ambiente, as relações de raça, classe e gênero, a partir de uma perspectiva feminina aliada a uma concepção que questiona as relações entre natureza e cultura nas sociedades patriarcais, coloniais e capitalistas. O Ecofeminismo tem sido uma força importante para refletirmos sobre essas questões e buscarmos alternativas para a construção de um mundo mais justo.

*Roda das Encarnações* (2017) é marcado por espiritualidade, devoção e paixão por sensações. Vivências espirituais e carnais se misturam e revelam reminiscências de uma mulher moçambicana, muçulmana, mãe, trabalhadora, de um mundo contingente e perecível, cíclico, de retorno das formas da existência, de ligação entre vivos e mortos. Isso se dá através de movimentos no espaço e no tempo, pelos mares, pela terra, pelos ares e, especialmente, por dentro de si.

A natureza, neste livro, possui uma afinidade muito forte com os espíritos, o que reitera a perspectiva animista adotada por Sónia Sultuane. Natureza e espíritos se integram e se manifestam concomitantemente; tais relações interessam ao “princípio ecofeminista [que] procura ligações onde o patriarcado capitalista e a sua ciência bélica estejam empenhados em desligar e seccionar o que forma um todo vivo” (MIES; SHIVA, 1993, p. 27).

Esse princípio de ligação está fundamentalmente atrelado à visão animista africana. Tal princípio é muito importante para as mulheres de diversos movimentos que redescobriram o encadeamento de todas as coisas, buscaram libertação da destruição patriarcal para si e para a natureza e, conforme Mies e Shiva (1993), descobriram aquilo que se chamou de dimensão espiritual da vida ou de espiritualidade, termo diferente de religião, menos idealista que, por sua vez, está presente em todas as coisas.

Mies e Shiva (1993) apontam Starhawk, que considera a espiritualidade parecida com a sensualidade e a energia sexual das mulheres, que liga umas às outras, a outras formas de vida e aos elementos e esta energia seria a responsável pela capacidade de amar e de celebrar a vida. Para essas ecofeministas:

A relevância ecológica desta ênfase na “espiritualidade” reside na redescoberta do aspecto sagrado da vida, de acordo com o que a vida na Terra só pode ser preservada se as pessoas começarem de novo a ver todas as formas de vida como sagradas e a respeitá-las como tal. Esta qualidade não está localizada numa divindade do outro mundo, numa transcendência, mas na vida quotidiana, no nosso trabalho, nas coisas que nos rodeiam, na nossa imanência. (MIES; SHIVA, 1993, p. 29)

Essa perspectiva difere bastante do racionalismo e da ciência ocidentais, que se contrapõem à perspectiva de Mies e Shiva e acreditam que a liberdade somente é possível se a natureza for dependente e subordinada ao masculino. Em contrapartida, a poesia de Sónia Sultuane inscreve a natureza como um ser vivo, que merece respeito, que não deve ser violado e, com profunda consciência ecológica, aponta para como mulheres e homens são afetados por esta natureza e, daí, a necessidade de cuidado e atenção.

Pululam de sua poesia ares românticos de quem rejeita a tradicional separação entre mulheres e homens, entre seres humanos e outras naturezas e registra-se a crença na coletividade, na possibilidade de se constituírem novas subjetividades e seres mais humanos em todas as suas dimensões.

Nesse contexto, o primeiro poema do livro é homônimo e é dedicado ao seu filho, carne de sua carne, Bruno Dias, a quem dedicou também *Sonhos* (2001), seu primeiro livro:

Sou os olhos do Universo,

a boca molhada dos oceanos,

as mãos da terra,

sou os dedos das florestas

o mar que brota do nada,

sou a liberdade das palavras quando gritam e rasgam o mundo,

sou o que sinto sem pudor,

sou a liberdade de mãos abertas, agarrando a vida por inteiro

estou em milhares de desejos, em milhares de sentimentos

sou o cosmos

vivendo em harmonia na roda das encarnações.

(SULTUANE, 2017, p. 13)

O poema traz uma voz feminina e, em alguma medida, erótica e sensual, que apresenta um corpo que também é o cosmos, o universo, a origem e, por isso, o arquétipo ideal, pleno, sagrado, em harmonia com a sua criação. Vemos um corpo feminino autônomo, o sopro ou o espírito responsável pela criação, pela vida humana e mais-que-humana. A “Natureza do corpo e corpo da Natureza convergem no poema” (SOARES, 2005, p. 04) através das relações inseparáveis entre estes corpos que fazem girar a “roda das encarnações”. Nessa linha, segue “Em cada dia que passa e em que renasço”:

Revivo sendo água de todos os mares, de todos os oceanos.

Cresço na liberdade das florestas imitando o canto das aves.

Corro na areia quente dos desertos buscando o tesouro da vida.

Aprendo a ser humana com o calor que recebo do sol

e aprendo a guiar-me pelo misterioso e intenso brilho da lua,

que me faz iluminada e faz a minha alma transparente.

Ah, e aprendo a amar pelo sopro abençoado que Deus me lançou

no momento em que aprendia

os primeiros passos da vida.

(SULTUANE, 2017, p. 43)

Ratificando a íntima relação entre os seres, entre o ser humano e a natureza mais-que-humana, encontramos uma voz poética feminina em perfeita harmonia com a água, com as florestas, com as aves, com a areia quente do deserto, com o calor do S ol e com o intenso brilho da L ua, elemento recorrente e força inspiradora para Sónia Sultuane. No poema, vemos o estágio de alguém que aprende “os primeiros passos da vida”, cresce e descobre como “ser humana” em contato com as forças na natureza. Destacamos ainda a fé, a crença em Deus – embora sua obra apresente um caráter politeísta – que a ensinou a amar. A voz poemática utiliza o verbo “aprender” três vezes. Uma já foi mencionada. Nas outras situações, ele está relacionado ao S ol e à L ua, que não aparecem como opostos e têm uma aplicação simbólica muito ampla. Segundo Chevalier e Gheerbrant,

considerando a luz como conhecimento, o Sol representa o conhecimento intuitivo, imediato; a Lua, o conhecimento por reflexo, racional, especulativo. Consequentemente, o Sol e a Lua correspondem respectivamente ao espírito e à alma, assim como as suas sedes – o coração e o cérebro. São a essência e a substância, a forma e a matéria. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2008, p. 837)

O S ol, no poema, ensina a voz poemática a ser humana através do seu calor e a voz do poema é guiada pelo “misterioso e intenso brilho da lua”. O S ol e a L ua, segundo as simbologias apresentadas, representam conhecimentos, sem os quais essa voz feminina não existiria; um completa o outro, sem dualismos ou sobreposições, neste caso, diferente do que já vimos. Essa voz tem consciência ecológica e reconhece, portanto, a força e a importância da natureza mais-que-humana sobre sua natureza.

Entender a representação ecofeminista na produção literária supracitada exige pensar sobre as relações socioculturais e de gênero de um país africano recém-independente que preserva tradições patriarcais e androcêntricas severas e cristalizadas. É nesse contexto contraditório marcado por tradições e pela modernidade que Sónia Sultuane situa seu discurso lírico, uma voz feminina preocupada em representar o eu e os seus sonhos, universo feminino, lugar de fala e direito de ser ouvida, temas diferentes daqueles tratados pela geração da Literatura de Combate.

Um ponto importante é que, enquanto Sónia Sultuane poetiza sobre mulheres e as questões sociais que atravessam seus corpos, suas vidas, seus direitos, é possível observar, ainda, um olhar poético que, no Ocidente, consideramos feminista, mas, por vezes, essencialista, em parte pelas tradições africanas inscritas. Essa interpretação exige considerações politizadas em relação à ordem opressora que age sobre as mulheres e, neste caso, contra a Natureza, bem como das diversas noções de Natureza que os estudos ecocríticos propõem; estas ponderações ampliam a perspectiva ecofeminista e permitem refletir sobre as dominações e explorações do planeta, como aponta Brandão (2003).

Sabemos que as sociedades patriarcais, coloniais e capitalistas são repressoras. As mulheres são as principais vítimas desta repressão, uma vez que são colocadas em “casas de bonecas” e criadas, muitas vezes, conforme o modelo requerido pela ideologia machista. Nesse contexto, as mulheres, quando meninas, são ensinadas sobre o que falar, como sentar-se, o que vestir e, principalmente, sobre o que não sentir e, por conseguinte, declarar e fazer, com vistas a manter a ‘dignidade’ e a ‘elegância’. As mulheres tornam-se propriedades de homens que coisificam suas vidas, vigiam seus corpos, sua sexualidade – dessexualizando-as – e, não raro, punindo-as.

A literatura se ocupou em representar e discutir sobre as relações sociais e os impasses que as movimentam. Sendo assim, a vida das mulheres, seus corpos, suas identidades e aspirações – quase sempre ligadas ao casamento, ao lar e aos filhos – foram tramas para muitos enredos que, por sua vez, serviram de exemplo para o bom comportamento das moças. Isto é, as mulheres, por muito tempo, não foram donas de suas vidas reais e, na ficção, viram personagens pré-moldadas por terceiros, os homens.

A literatura contemporânea moçambicana tem ofertado um novo e importante viés. Apoiada pelas lutas feministas que abriram espaços para as mulheres, onde elas podem ser vistas, podem dizer e ser ouvidas, muitas puderam se assumir escritoras e renovar o cenário literário. As lutas travadas e vencidas conferiram às mulheres o direito de sair de casa, a de boneca, e ocupar o mercado de trabalho, estudar, votar, escolher parceiros, casar ou não, maternidade, ou seja, as mulheres assumiram o direito sobre os seus corpos e sobre sua sexualidade, pelo menos na teoria – na prática, ainda são espreitadas e castigadas.

No entanto, os novos e, ainda incipientes, direitos possibilitaram às mulheres serem recriadas de outros modos pela literatura, a começar pela autoria e, depois, pelas tramas. É possível ver, além daquelas mulheres enclausuradas e exaustas, as outras, mais livres e com autonomia sobre os seus corpos. As novas relações artísticas permitem pensar sobre como convivemos em sociedade e como estas relações são desiguais e injustas, em especial, em nosso estudo, no que concerne às mulheres e aos homens, ao feminino e ao masculino, este sempre apoiado pelas ideologias patriarcais que regem as sociedades.

Dar atenção à literatura de autoria feminina é decolonizar práticas que inviabilizam e invisibilizam mulheres no mundo todo, ressingularizando suas subjetividades, valorizando-as para um possível empoderamento que pode criar comunidades mais solidárias. Esta perspectiva pode ser ainda mais fortalecida se o texto literário também recriar as outras naturezas, outro campo de “resistência contra a opressão e exploração generalizada do planeta” (BRANDÃO, 2003, p. 466).

A mulher que reflete e tem espaço para dizer sobre si e sobre seus pares colabora para a [re]construção da sociedade, através de uma profunda consciência ecológica que, no caso de Sónia Sultuane é, também, poética. Sua obra contribui, local e externamente, com as reflexões que devemos fazer sobre a condição das mulheres e da Natureza, materializadas através de uma voz poemática “orientada estética e ideologicamente por uma força essencialista de valorização a mulher” (FREITAS, 2019, p. 11).

É necessário retomar, nesse sentido, a *ecosofia* de Guattari, tendo em vista as possibilidades de reflexões ecológicas encontradas nos poemas destacados para dizer que tal mensagem aponta para outro conceito guattariano, o do “Territórios Existenciais” (2013, p. 38), “sejam eles concernentes às maneiras íntimas de ser, ao corpo, ao meio ambiente ou aos grandes conjuntos contextuais relativos à etnia, à nação ou mesmo aos direitos gerais da humanidade”, permitindo repensar, através de um consciência ecológica, as interações entre os ecossistemas, ressingularizando a experiência humana individual e coletiva (GUATTARI, 2013, p. 15).

Uma voz poética feminina, como a de Sónia Sultuane, que discute sobre corpo, sexualidade, erotismo e prazer femininos, por exemplo, contribui com a referida ressingularização e valorização da subjetividade feminina que rompe ou, pelo menos, questiona a ideologia patriarcal; tais possibilidades se encontram e se fortalecem na ideia guattariana porque, segundo Soares (2005, p. 2-3), nesta ecosofia, “a condição da mulher participa das preocupações ecológicas tanto quanto as questões ambientais e a estas se ligam em busca do equilíbrio global”.

Nos poemas selecionados, vimos uma incorporação tão íntima entre o ser humano e a Natureza que, não raro, o corpo feminino é, também, terra, água, floresta e o Universo, alterando, em certa medida, as reproduções tradicionais requeridas pelas sociedades patriarcais, apesar de ainda baseadas no essencialismo.

**Últimas Considerações**

O Ecofeminismo se interessa pela união de duas questões importantes e atuais: a ecologia e o feminismo que se relacionam, permitindo refletir ética, política e criticamente sobre diversidades, igualdade de direitos e de oportunidades entre mulheres e homens, bem como em defesa do meio ambiente e de sua preservação.

Nesse sentido, a poesia de Sónia Sultuane, constituída essencialmente por uma voz lírica e feminina, ressingulariza poeticamente o universo feminino em um jogo sinestésico singular e fecundo, permeado por intensa consciência ecológica, que nos parece fundamentada pelos três registros ecológicos guattarianos. À medida que poetiza sobre a condição das mulheres na sociedade moçambicana – o que nos permite pensar sobre sua situação em um contexto mais amplo –, a obra de Sónia Sultuane possibilita uma reflexão sobre as relações humanas, bem como a sobreposição do masculino em relação ao feminino, decorrente das relações patriarcais, coloniais, machistas e misóginas que atravessam Moçambique e, consequentemente, sua individualidade. Tais fatos evidenciam que os sistemas que oprimem e reprimem as mulheres, sua subjetividade e sua sociabilidade estão, ainda, muito arraigados na sociedade moçambicana e continuam aprisionando mulheres, das mais diversas formas.

Outrossim, a voz poética que encontramos resgata as tradições e as memórias africanas, sob um viés animista e está em profunda comunhão com a Natureza, com o Cosmos. Isso gera considerações ainda mais abrangentes, a exemplo da exploração generalizada do Planeta e da necessidade de rever tais práticas para a criação de um mundo mais justo para todas as formas de vida, embora sua obra não exponha diretamente uma preocupação declarada com o ambiente, tampouco censure a soberania masculina. Todavia, sua poesia está em harmonia com os princípios ecofeministas, à medida que problematiza relações simbióticas humanas e mais-que-humanas e apresenta uma autoafirmação de uma identidade feminina em uma sociedade pós-colonial, patriarcal e capitalista.

**Referências**

AGUESSY, Honorat. Visões e percepções tradicionais. In: SOW, Alpha I et al. **Introdução à cultura africana***.* Lisboa: Edições 70, 1980, p. 95-136.

BRANDÃO, Izabel. Ecofeminismo e literatura: novas fronteiras críticas. In: \_\_\_\_\_; MUZART, Zahidé. **Refazendo nós**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

\_\_\_\_\_. Literatura e ecologia: Vozes feministas e interseccionais. In: **Revista Ártemis**, vol. XXIX nº 1; jan-jun, 2020. p. 2-13.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

FACCHIN, Michelle Aranda. **Um conto do tempo, um poema do rio: animismo em Mia Couto**. In. Letras em Revista Teresina, V. 07, n. 01, jan./jun. 2016.

FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de. Sob o comando de uma lua submissa: A poesia moçambicana de Sónia Sultuane. In: BRANDÃO, Izabel; LOURENÇO, Laureny. **Literatura e Ecologia**: trilhando novos caminhos críticos. Maceió: EDUFAL, 2019. 101-116.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias.** 21 ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

LORDE, Audre. **Textos escolhidos de Audre Lorde**. Heretika, 2018. Disponível em < <https://we.riseup.net/assets/483071/Audre+lorde+Textos+escolhidos+2a+edi%C3%A7%C3%A3o-bklt.pdf>>. Acesso em 01/11/21.

MIES, Maria; SHIVA, Vandana. **Ecofeminismo***.* Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

PLATÃO (380 a. C). **O banquete***.* São Paulo: Edipro, 2017.

SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro. **O ar, as águas e os sonhos no universo poético de Mia Couto**. Gragoatá. n. 5. Niterói, 1998, p.159-169.

\_\_\_\_\_. **Afeto e Poesia**: Ensaios e Entrevista: Angola e Moçambique. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2014.

SOARES, Angélica. Poesia e Erotismo: um leitura ecofeminista In: Recorte – **Revista eletrônica de Letras**. Universidade Vale do Rio Verde, 2005. Disponível em: <<http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/2141>>. Acesso em 30/06/21.

SULTUANE, Sónia. **Sonhos***.* Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos, 2001.

\_\_\_\_\_. **Imaginar o poetizado***.* Maputo: Ndjira, 2006.

\_\_\_\_\_\_. **No colo da Lua. Maputo**: s/e., 2009.

\_\_\_\_\_\_. **Roda das Encarnações***.* São Paulo: Kapulana, 2017.

**AN ECOFEMINIST READING OF SÓNIA SULTUANE'S POETRY**

**Abstract**

The purpose of this article is to discuss the ecofeminist representation in Sónia Sultuane's poetic production, considering, therefore, *Sonhos* (2001), *Imaginar o Poetizado* (2006), *No colo da Lua* (2009) and *Roda das Encarnações* (2017) and thinking about the sociocultural and gender relations of a newly independent African country that preserves patriarchal, colonial and Eurocentric traditions. It was necessary, therefore, to develop an exploratory, bibliographical and qualitative study, seeking theoretical contributions from different experts, such as Brandão (2003), Freitas (2019), Guattari (2012), Soares (2005), Mies and Shiva (1993), between others. With the selected poems, we saw an intimate relationship between the human being and Nature and a poetic voice that rescues African traditions and memories, under an animist bias and, revealing a poetry that is in harmony with ecofeminist principles, as problematizes human and more-than-human symbiotic relationships and presents a self-affirmation of a female identity in a post-colonial, patriarchal and capitalist society.

**Keywords:**

Ecofeminism. Poetry. Sónia Sultuane.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Recebido em: 17/02/2022

Aprovado em: 18/07/2022

1. Doutoranda em Letras pela UFPB. Mestre em Letras pela UFAL. Graduada em Letras pela UNIRIOS (BA). Bolsista CAPES. [↑](#footnote-ref-1)
2. Professor Associado 1 de Literaturas de Língua Portuguesa no Departamento de Letras do PPGL-UFPB. Doutor no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB [↑](#footnote-ref-2)
3. É uma poeta, escritora, artista plástica e curadora, além de contribuir com a música, a dança, a moda e a fotografia. Publicou cinco coletâneas poéticas: *Sonhos* (2001), *Imaginar o Poetizado* (2006), *No Colo da Lua* (2009), *Roda das encarnações* (2016) e *O lugar das Ilhas* (2021). Tem dois contos infanto-juvenis:  *A Lua de N´weti* (2014) e *Celeste, a boneca com olhos cor de esperança* (2017). Criou, em 2008, o projeto artístico (Walking Words), lançando, em 2021, através de uma plataforma digital, livro sobre esse projeto.  [↑](#footnote-ref-3)
4. O termo está associado à vida não humana e, segundo Brandão (2020), atualmente, a terminologia mais adequada é “mais-que-humano”, como chamada por Alaimo (2010), dado seu entendimento de que o humano é parte integral de uma natureza que é muito maior do que humanos e não humanos [↑](#footnote-ref-4)